

CONTOS DE OSCAR WILDE

A busca permanente da beleza e da ironia

JORGE SANGLARD
REPORTER

Relendo agora os contos de Oscar Wilde, publicados pela Editora Nova Fronteira em deliciosa tradução de Barbara Heliodora, parece-me sugestivo estabelecer algumas observações e relações. Parênteses, antes de entrar diretamente no assunto: minha referência à tradução não se reporta à fidelidade, mesmo porque não tenho o texto original à mão, mas sobretudo ao ritmo das frases, em bom português. Fecho parênteses.

Oscar Wilde é o tipo de escritor que não permite muito - dadas as circunstâncias históricas - separar personalidade e obra, homem e literato. Sua busca permanente da beleza - muito bem mostrada, aliás, no primeiro conto desta antologia, "O retrato do sr. W.H." -, seu gosto pela frase espirituosa, seu dandismo e, também, sua atração pelo que, na sociedade vitoriana, era considerado indizível, são traços que unem vida e obra.

André Gide, num ensaio colocado como prefácio a uma edição da *Salomé*, de Wilde, em português, lembra a figura do escritor, sua capacidade de bom conversador (um *causeur*), contador de anedotas fesceninas e/ou espirituosas. Lembro, em passant, pelo muito que tem da disposição estética de Wilde, uma das historietas que Gide atribui a ele: "Quando Narciso morreu, quem mais chorou foi a fonte, porque, enquanto Narciso se admirava nela, ela admirava seu reflexo nos olhos de Narciso".

O escandaloso processo movido contra o escritor irlandês pelo pai de um rapaz com quem mantinha relações, no mínimo, ambíguas, e a condenação de Wilde, podem ter servido de motivo a que muitos se afastassem de sua obra. Vale contudo lê-la e relê-la. O grau de absenteísmo que possa ter em relação à sociedade em que vivia e a seus problemas não deve servir de pretexto para recusar Wilde. Mesmo porque o próprio absenteísmo revela o caráter essencial do mundo em que se inseria, hiperestesiando todas as relações, à beira das grandes convulsões que encerram o século XIX e iniciam o século XX.

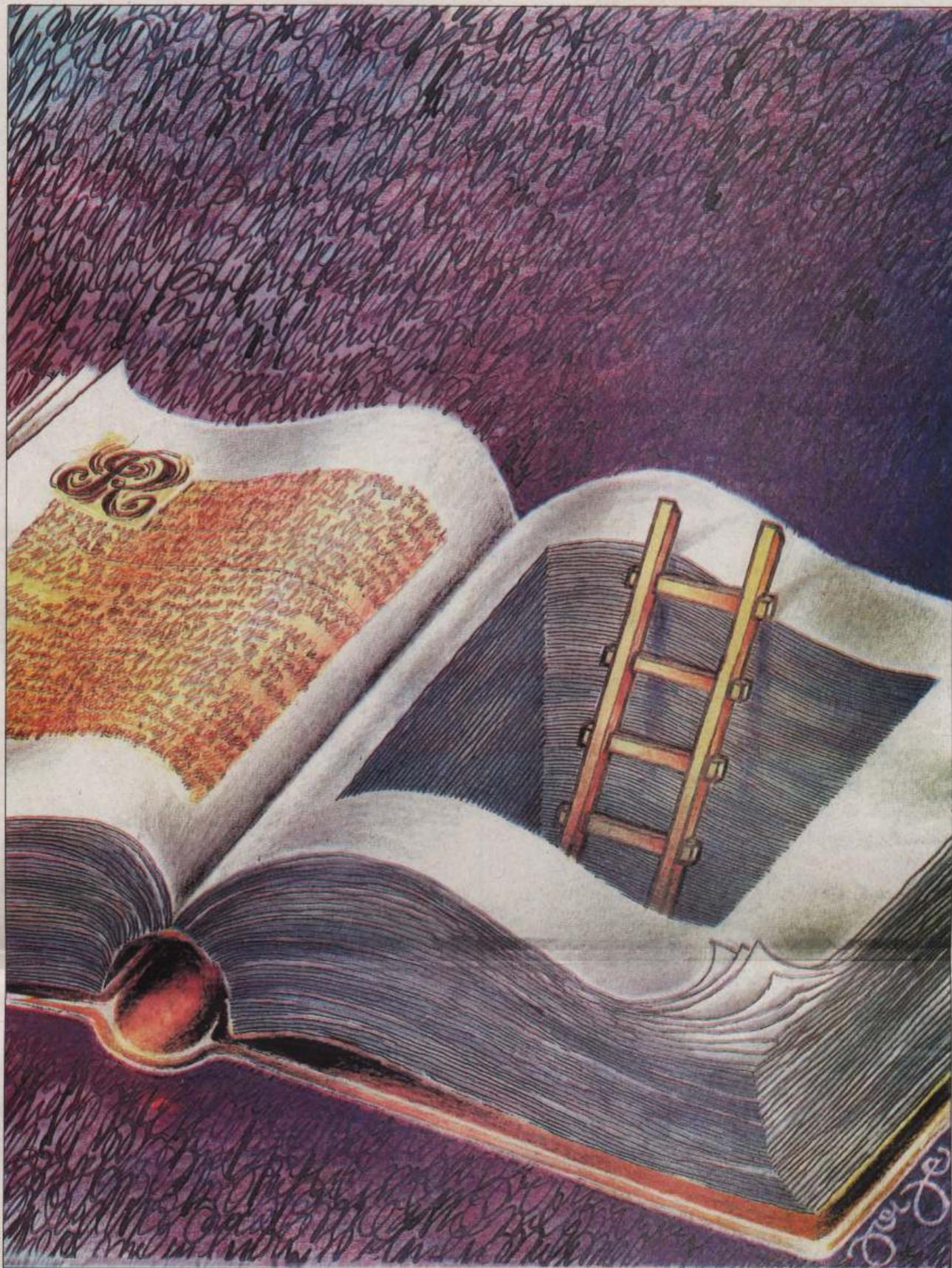
Esta edição, além do conto já citado, contém: "crime de lord Arthur Saville", "A esfinge sem segredo", "O milionário modelo" e o famosíssimo "O fantasma de Canterville". Alguns contos mantêm sua atualidade permanente, enquanto persistem regras do mundanismo superficial e de bijuteria. Veja-se neste sentido "O crime de lord Arthur Saville" e "O milionário modelo". "A esfinge sem segredo" surpreende e permite algumas extrapolações sobre a necessidade permanente de o ser humano cavar-se tocas onde se preserve.

Duas observações, ainda. A primeira, sobre a lucidez crítica e dolorosamente irônica de "O fantasma de Canterville", em que se expõe à luz o contraste entre os valores da espiritualidade e a bruteza do materialismo norte-americano, insensível e prático. Vários aspectos de nossa vivência contemporânea podem ser vistos, como prefiguração, neste conto.

A segunda observação diz respeito a uma presença constante na obra de Wilde e, nesta antologia, perceptível em "O retrato de mr. W. H." e "A esfinge sem segredo". Trata-se de fakes, simulações ou falsificações. Se pensarmos que um dos elementos mais caracterizadores do chamado pós-moderno é a criação de simulacros da vida, vemos em Wilde mais uma percepção brilhante e atual.

Vale a pena reler Oscar Wilde. Talvez seja até capaz de nos surpreender e oferecer alguns motivos a mais de meditação neste outro fim-de-século, cem anos depois.

WILDE, Oscar. *Contos*. Trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. 163 p.



Jorge Arinich

■ A busca permanente da beleza, o gosto pela frase espirituosa, o dandismo e a atração pelo que, na sociedade vitoriana, era considerado indizível são traços que unem a vida e a obra de Oscar Wilde e que permeiam seu livro de "Contos" editado em boa hora pela Nova Fronteira

SHOW CONTRA A FOME

Solidariedade une músicos, amanhã, no Central

JORGE SANGLARD
REPORTER

O Theatro Central, amanhã, volta a ser palco de uma demonstração de solidariedade dos artistas juizforanos engajados na ação da cidadania e no combate à fome e à miséria. Com direção artística de Marcos Marinho e direção musical de Sílvio Gomes, o Show Contra a Fome promovido pelo comitê juizforano tem início marcado para as 21h e a entrada será mediante a doação de brinquedos — em bom estado ou novos — ou alimentos. A Orquestra de Jazz Pró-Música e mais 11 grupos musicais da cidade apresentarão um repertório diversificado e de qualidade.

O apoio demonstrado pelos cantores, cantoras e instrumentistas de Juiz de Fora, ao se apresentarem gratuitamente para a arrecadação de brinquedos ou alimentos que serão distribuídos às famílias indigentes, atesta a indignação dos mais amplos setores da comunidade com a situação vivida por milhares de fa-



Rubem Celso

mílias na periferia. Assim, o grito de alerta de Cristiane Visentin, Chico Forever, Mirinha Alvarenga, Nilza Borges, Bertrand, Ana Carolina, Rogério Freitas, Johnny Lamas, Fernando Gaio, Soayan, Krishna, Paulo Glanzmann, Gérson Faria, Julim Barbosa, além dos músicos integrantes de várias bandas, na certa, mobilizará as atenções nesta segunda-feira.

A atuação da Orquestra de Jazz Pró-Música é outro atrativo do show que, segundo Sílvio Gomes, pretende seduzir os admiradores da música criativa. Ao aliar a MPB ao jazz, ao rock e a outras vertentes musicais, a apresentação de amanhã no Central será mais uma mostra do potencial dos músicos da cidade. Afinal, aos poucos, tanto os cantores e cantoras juizforanos

quanto os instrumentistas estão conseguindo romper as barreiras da indústria fonográfica e lançar trabalhos em CD ou K7.

Todos os brinquedos ou alimentos trocados pela entrada no Show Contra a Fome comporão as cestas básicas, que estão sendo montadas por voluntários do comitê num local do DSUP cedido pelo Exército. As sacolas distribuídas pela Ação da Cidadania através da imprensa podem ser entregues, amanhã, na portaria do Theatro Central e darão acesso ao show.